

RBEMF

REVISTA BRASILEIRA DE ECONOMIA MONETÁRIA E FINANCEIRA

Número Especial – O “Tarifaço” de Trump | 2025

ISSN 3085-7643

O pragmatismo do liberalismo estadunidense

Gustavo Sousa Nascimento

Leonardo Sodré Corrêa

Luísa da Rocha Canazarro



O pragmatismo do liberalismo estadunidense

Gustavo Sousa Nascimento

E-mail: gustavoz808z@gmail.com

Leonardo Sodré Corrêa

E-mail: leonardosodrecorrea@gmail.com

Luísa da Rocha Canazarro

E-mail: luisacanazarro@gmail.com

Os autores são graduandos em Ciências Econômicas (FCE/UERJ) e pesquisadores do Observatório de Bancos Centrais – UERJ – E-mail: observatoriodebancoscentrais@gmail.com

Resumo

O artigo busca avaliar o pragmatismo do liberalismo estadunidense, evidenciando a grande contradição entre a defesa do discurso teórico do livre-mercado e a prática histórica de políticas econômicas protecionistas pelos Estados Unidos. Desde o processo de independência, pensadores como Alexander Hamilton e Friedrich List adaptaram ideias de base teórica liberal para promover o desenvolvimento industrial nacional, utilizando tarifas protecionistas e subsídios. No século XX, os EUA adotaram o livre-comércio após consolidarem-se como potência hegemônica, entretanto, como resposta à ascensão da China, principalmente sob os governos Biden e Trump, retomaram a prática do protecionismo. Além disso, o artigo também discute o impacto da financeirização no setor industrial norte-americano e a contradição do governo Trump na tentativa de revitalizar o setor manufatureiro.

Palavras-chave: Protecionismo, Liberalismo, Estados Unidos, China e Financeirização.

Abstract

This article assesses the pragmatism of American liberalism, highlighting the great contradiction between the defense of the theoretical discourse of the free market and the historical practice of protectionist economic policies by the United States. Since the process of independence, thinkers such as Alexander Hamilton and Friedrich List have adapted ideas based on liberal theory to promote national industrial development, using protectionist tariffs and subsidies. In the 20th century, the United States adopted free trade after consolidating its position as a hegemonic power; however, in response to the rise of China, especially under the Biden and Trump governments, it resumed the practice of protectionism. In addition, the article also discusses the impact of financialization on the American industrial sector and the contradiction of the Trump administration in trying to revitalize the manufacturing sector.

Keywords: Protectionism, Liberalism, United States, China and Financialization.

Introdução

A política econômica dos Estados Unidos tem assumido um caráter essencialmente protecionista na última década, em resposta à ascensão da China como potência rival em poderio comercial, militar e diplomático de Washington. Esse cenário ficou evidente com o "Tarifaço" do governo Trump, mas tal medida não é novidade na história americana. Desde sua fundação, os EUA recorrem a tarifas e subsídios para proteger suas indústrias, originando o "Sistema Americano de Economia Política", guiando a política econômica e comercial do país até meados do século XX.

Esse foi o paradigma vigente na política comercial americana até o reordenamento geopolítico do pós-guerra, quando há uma guinada na política econômica estadunidense a uma maior liberalização, possuindo, agora, a moeda de referência no padrão internacional¹ e visando a expansão do comércio mundial. Outro momento-chave é o período das décadas de 1970, 1980 e 1990, com o fim do padrão estabelecido, uma aguda liberalização, especificamente sobre fluxos de capitais, e com a defesa da intensa redução de barreiras alfandegárias, em seu auge com a instituição da Organização Mundial do Comércio (1995). No entanto, a Crise de 2008 expôs as vulnerabilidades do sistema financeiro desregulado, levando a uma revisão do modelo, intensificada no contexto recente pelo reconhecimento da China como potência contestadora da ordem vigente, motivando medidas mais duras contra Beijing.

A virada ocorreu com a eleição de Donald Trump, que explicitamente tratou a China como ameaça à segurança nacional. Em seu *Trade Policy Agenda 2017*, ele priorizou a redução do déficit comercial, impondo tarifas massivas — inclusive contra aliados. A administração Biden manteve a estratégia, embora com áreas pontuais de cooperação, como mudanças climáticas. A competição por chips e semicondutores tornou-se central, com políticas para reduzir a dependência de tecnologias estrangeiras. Com a volta de Trump em 2025, fica claro que o protecionismo permanece como pilar da política econômica dos EUA, o "Tarifaço" reflete uma realidade onde os critérios são por vezes arbitrários, focando em benefício próprio.

Fundamentação teórica e o protecionismo contemporâneo

No campo teórico, a influência de Adam Smith no pensamento liberal dos EUA é evidente, entretanto essa influência não se apresenta de forma literal, com as devidas adaptações feitas por Alexander Hamilton, um dos *founding fathers* dos EUA, e posteriormente por Friedrich List em sua obra *Sistema Nacional de Economia Política*, o conjunto de ideias liberais é moldado a partir da visão de desenvolvimento das forças produtivas norte-americanas.

A concepção de uma nação soberana direciona a política econômica dos Estados Unidos ao industrialismo desde sua independência: “a nação que sacrifica seu desenvolvimento industrial ao princípio do livre comércio é como um indivíduo que renuncia ao exercício físico para poupar energia: no curto prazo parece vantajoso, mas no longo prazo leva à decadência” (List, 1841).

As adaptações de Hamilton e List à teoria de Smith mostram o caráter flexível da política econômica dos EUA frente à geopolítica. O que prevalece e conduz o “liberalismo dual” norte-americano são os interesses econômicos e geopolíticos nacionais, os EUA preocupam-se apenas com a própria posição na economia mundial, defendem cegamente sua hegemonia econômica e cultural, porém age de forma contraditória ao defender medidas que na realidade não praticam.

As medidas contraditórias dos Estados Unidos são analisadas por Ha-Joon Chang em *Chutando a Escada*, obra na qual ele argumenta que países desenvolvidos como os EUA durante o processo de industrialização utilizaram-se de políticas econômicas altamente protecionistas e intervencionistas, porém ao alcançarem certo nível de desenvolvimento e uma posição de

¹ Padrão Dólar-Ouro, de acordo com o regime de Bretton Woods, estabelecido em 1944.

supremacia mudam o discurso de forma a negar o passado protecionista. Essa mudança de discurso é o que Chang chama de “chutar a escada”.

No processo de industrialização no século XIX, os Estados Unidos adotaram medidas protecionistas para proteger as indústrias nascentes até serem competitivas internacionalmente, denotando o caráter pragmático da política econômica norte-americana:

Entre a Guerra Civil e a Segunda Guerra Mundial, os Estados Unidos foram a economia mais protegida do mundo. Em 1820, a tarifa média sobre manufaturados importados era de cerca de 40%, a mais alta do mundo na época. [...] O governo dos EUA subsidiou fortemente a indústria nascente, especialmente os setores ferroviário e siderúrgico, e promoveu ativamente a pesquisa agrícola e tecnológica. (Chang, 2004, p. 55-70²).

Nota-se, portanto, a presença de uma globalização seletiva na qual os EUA escolhem os países que serão aliados e os países que serão “inimigos”, através de embargos e sanções que, majoritariamente, prejudicam o desenvolvimento. Além disso, há uma flexibilidade nas práticas estadunidenses, o abandono do livre mercado fundamentado pela conveniência (Chang, 2002). A adoção do *New Deal* durante a Grande Depressão, símbolo de forte intervenção estatal, e do Plano Marshall, maciço programa de ajuda estatal para reconstruir a Europa, não são meras exceções na economia política estadunidense. A flexibilidade varia de acordo com os interesses e com a necessidade de manter sua posição hegemônica: o “Tarifaço” de Trump é fruto da maleabilidade e da globalização seletiva, evidente ao se analisar a escolha dos países taxados e suas respectivas alíquotas, ajustadas com base no déficit comercial com o país.

Análise de caso: EUA nos dias atuais

Tendo em vista o acirramento das disputas entre os países, para analisar o “Tarifaço” em si é necessário antes esmiuçar a conjuntura econômica observada. O dito alto desemprego, pilar das campanhas de Trump, manteve-se oscilante no patamar de 3-6% durante o século a exceção das crises já citadas anteriormente; observação contrária ao recorte de empregos industriais, alvo de recuperação pela política trumpista, que regrediram significativamente na primeira década e experimentavam uma lenta recuperação até a pandemia, posteriormente retornando ao padrão estagnado, com perda líquida de 5 milhões de empregos industriais.

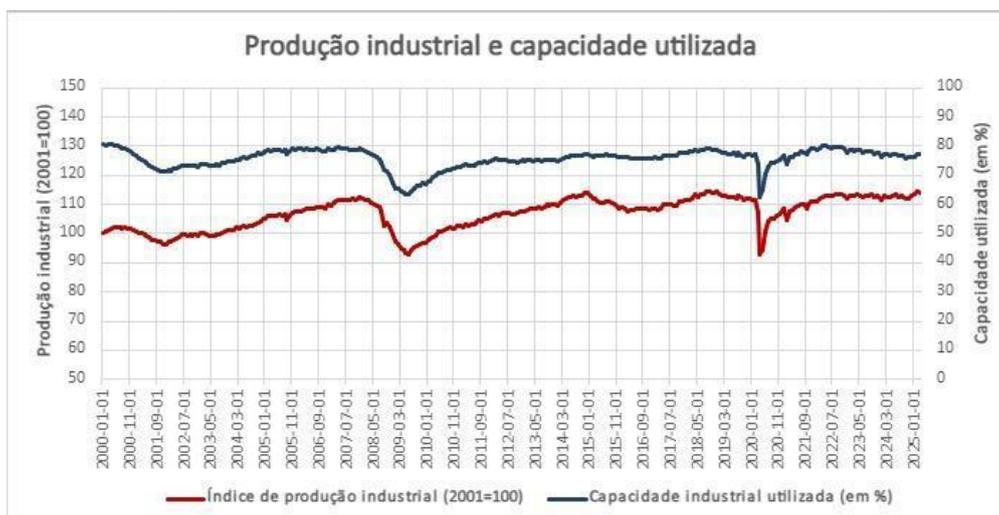
² Na versão original o trecho encontra-se nas páginas 17-19.

Gráfico 1 - Desemprego e nível de emprego industrial nos Estados Unidos



Fonte: Elaboração dos autores a partir do Federal Reserve Bank of St. Louis (2025).

Gráfico 2 - Produção Industrial e capacidade utilizada nos Estados Unidos



Fonte: Elaboração dos autores a partir do Federal Reserve Bank of St. Louis (2025).

A redução da participação do PIB industrial no agregado total e na massa empregatícia é um fenômeno esperado/consolidado para economias desenvolvidas³, como observado por Rodrik (2016). Algumas explicações são plausíveis.

Seguindo o *mainstream*, pelo efeito preço relativo, de Baumol, a diferença entre as taxas de crescimento da produtividade gera uma elevação de custos no setor de serviços, complementar ao industrial, de forma que a elevação de seu preço relativo implique maior participação de serviços no PIB em detrimento das indústrias (Martinez, 2024, p. 6) e a consequente perda destes empregos em economias maduras. No campo heterodoxo, a geopolítica, o sistema monetário internacional vigente e o paradigma da organização produtiva lhe são muito mais caros, sendo determinantes

³ Fenômeno da curva “em formato de ‘U’ invertido”. O efeito no emprego é consideravelmente maior em relação à produção industrial para as economias avançadas (Rodrik, 2016, p. 16).

do fenômeno de financeirização, uma das possíveis explicações, atribuindo aos escapes de capitais da esfera produtiva em direção a esfera financeira, transformando em principal prejudicado o setor manufatureiro.

Ao se considerar a hipótese da financeirização, a intensa liberalização observada nos EUA a partir da década de 1990 entra como um fator interessante a se analisar: esse processo coincide temporalmente com a estagnação setorial e o princípio da perda de empregos. Uma possível razão é a observação de um efeito *crowding out* entre investimento “real” e financeiro, para benefício deste último, cujo incremento produtivo não se equipara ao de ativos “reais” (Tobin, 1997 apud Orhangazi, 2008, p. 868), similar ao processo de revenda e não expansão da malha produtiva descrito por Crotty (2005). Outro canal para a redução do investimento “real” é a pressão sobre as firmas por pagamentos direcionados à esfera financeira, como dividendos, priorizando projetos com retornos de curto prazo em detrimento de investimentos com escala e efeitos maiores (Orhangazi, 2008, p. 872, 881-882). Tais processos têm impacto considerável na estrutura dos mercados estadunidenses, pois, diferentemente da financeirização brasileira, ligada à acumulação financeira via títulos da dívida pública e renda dos juros, a financeirização norte-americana tem impacto muito maior na decisão de empresas, especificamente de firmas não-financeiras (*non-financial corporations* ou *non-financial firms*), que se veem forçadas a abrir mão destes caros e extensos projetos produtivos/“reais” em busca de maximizarem o valor das ações⁴ (Crotty, 2003, p. 272).

Desse modo, é relevante analisar questões referentes a incentivos direcionados ao setor industrial, tendo em vista que o foco central da política trumpista é o reavivamento manufatureiro. Assim, além do protecionismo, entram como outras possíveis medidas: liberação de subsídios, medidas para o fomento de crédito (redução da taxa de juros, desenvolvimento de instituições financeiras *ad hoc*, etc), isenções tarifárias, gratificações/prêmios por produção nacional de itens estratégicos e desenvolvimento infraestrutural (Moura, 2021, p. 74).

Quanto aos subsídios, isenções e crédito, o governo Trump optou recentemente por dirigir, ao setor automobilístico, linhas de crédito especializado e alívio (e não isenção) de impostos sobre importação de insumos específicos⁵. No entanto, Trump manifestou interesse em revogar a Lei CHIPS⁶, responsável por direcionar subsídios na casa de US\$ 53 bilhões para o desenvolvimento e a produção de semicondutores, considerados o limiar da fronteira tecnológica. Nesse sentido, as medidas do governo são contraditórias ao se visar o incentivo à indústria, pois, especificamente nesse caso, o setor de semicondutores é um “hotspot” da inovação, possuindo diversos transbordamentos tecnológicos e encadeamentos com diversos outros setores, inclusive “para frente”, aludindo a Hirschmann, em direção ao setor automobilístico.

Acerca dos juros, a manutenção dos juros a 4,5% devido à “incerteza inflacionária” é uma decisão nociva ao crédito e à atividade industrial. Embora não seja uma decisão própria da base governista, Trump já pronunciou estudar uma possível demissão do Presidente do Fed, Jerome Powell, porém desistiu e garantiu sua permanência até o fim do mandato⁷.

⁴ Princípio de maximização do valor ao acionista (*shareholder value*).

⁵<https://www.cnnbrasil.com.br/economia/macroeconomia/trump-assina-ordem-para-aliviar-impacto-das-tarifas-sobre-montadoras/>.

⁶<https://www.reuters.com/technology/trump-wants-kill-527-billion-semiconductor-chips-subsidy-law-2025-03-05/>.

⁷<https://g1.globo.com/economia/noticia/2025/05/04/trump-diz-que-nao-vai-demitir-powell-ate-o-fim-do-mandato-dele-na-presidencia-do-banco-central-dos-eua.ghtml>.

Gráfico 3 - Taxa de juros e variação da inflação nos Estados Unidos



Fonte: Elaboração dos autores a partir do Federal Reserve Bank of St. Louis (2025).

Apenas com base nessa breve análise, não é possível determinar a magnitude dos desdobramentos da política adotada por Trump. Entretanto, fica evidente que o setor manufatureiro, no mínimo, não será beneficiado em visão geral, pelo encarecimento de insumos e possível retaliação. A inflação originada pode gerar conflitos internos, especificamente com o FED buscando elevar os juros para seu controle; porém, como demonstrado pela análise de correlação no gráfico anterior, não necessariamente seria uma solução para a inflação, sendo potencialmente mais danosa para as manufaturas via encarecimento do crédito. A inferência da magnitude de tais efeitos fica para pesquisa posterior, com a possibilidade de análise intrasetorial via matriz insumo-produto.

Conclusão

O artigo revela que o liberalismo estadunidense é pragmático, alternando entre livre-comércio e protecionismo conforme a conveniência decorrente da conjuntura geopolítica. Assim, a trajetória da história econômica marcada por tarifas e subsídios contrasta com a defesa do livre-mercado para outras nações, evidenciando uma estratégia perversa para manter a hegemonia global. Por fim, o “Tarifaço” e as políticas industriais recentes refletem essa dualidade, mas a falta de estímulos industriais eficazes aponta para riscos de recessão e inflação.

Referências

CHANG, Ha-Joon. Chutando a escada: a estratégia do desenvolvimento em perspectiva histórica. São Paulo: Editora Unesp, 2004

CROTTY, James. The neoliberal paradox: the impact of destructive product Market competition and impatient finance on nonfinancial corporations in the neoliberal era. Review of Radical Political Economics. 35 (3), 271-279, 2003.

FEDERAL RESERVE BANK OF ST LOUIS. All Employees, Manufacturing (MANEMP) - 1939-2025. 2025.

_____. Capacity Utilization: Manufacturing (NAICS) (MCUMFN) - 1972-2025. 2025.

_____. Consumer Price Index for All Urban Consumers: All Items in U.S. City Average (CPIAUCSL) - 1947-2025. 2025.

_____. Federal Funds Effective Rate (FEDFUNDS) - 1954-2025. 2025.

_____. Industrial Production: Total Index (INDPRO) - 1919-2025. 2025.

_____. Unemployment Rate (UNRATE) - 1948-2025. 2025.

HAMILTON, Alexander. Relatório sobre as manufaturas (1791). Cartas da Economia Nacional contra o livre comércio. São Paulo: Capax Dei, 2009.

LIST, Friedrich. O sistema nacional de economia política (1841). Cartas da Economia Nacional contra o livre comércio. São Paulo: Capax Dei, 1985.

MARTINEZ, Thiago Sevilhano. Mudança estrutural e abertura comercial no Brasil: considerações a partir de modelos de equilíbrio geral. Encontro Nacional de Economia. 2024. Disponível em: https://www.anpec.org.br/encontro/2024/submissao/files_I/i6-2f0f9e703d55cac35b18e538baf966dd.pdf

MOURA, Rafael. Industrialização, desenvolvimento e emparelhamento tecnológico no leste asiático: os casos de Japão, Taiwan, Coreia do Sul e China. Rio de Janeiro: INCT/PPED; CNPq; FAPERJ; CAPES; Ideia D, 2021

ORHANGAZI, Özgür. Financialization and capital accumulation in the non-financial corporate sector: A theoretical and empirical investigation on the US economy: 1973-2003. Cambridge Journal of Economics. 32 (6), 863-886, 2008.

RODRIK, Dani. Premature deindustrialization. Journal of Economic Growth. 21, 1-33, 2016.